

“VÍTIMAS PASSIVAS” E “ALGOZES ATIVOS” :REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA IMPRESSA SOBRE A SEXUALIDADE DE ENVOLVIDOS EM CRIMES CONTRA HOMOSSEXUAIS.

Paula Lacerda

O objetivo mais geral deste projeto que integra a dissertação de mestrado que vem sendo conduzida no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro desde abril de 2004 é analisar as notícias de jornais publicadas entre os anos de 1980 e 1995 cujo foco são homossexuais assassinados no estado do Rio de Janeiro. Os elementos privilegiados nesta investigação são as representações produzidas e reproduzidas pelos jornais, o que possibilita perceber o imaginário de um dado segmento de classe – uma vez que as representações lidas pelos consumidores do jornal são compreendidas, senão compartilhadas; e descortinar o leitor suposto pelos jornais – uma vez que, se falamos em mediação, consideramos que a construção da notícia se pauta pelo gosto de um leitor ainda imaginado.

O material em que se baseia este estudo são notícias pertencentes aos diários cariocas *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Dia*, *O Povo*, *A Notícia* e *Luta Democrática*. É importante salientar que a reunião das notícias não foi uma tarefa executada por mim, mas por pessoas filiadas ao Grupo Gay da Bahia. Este grupo, que trabalha pela defesa dos direitos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (GLBT) é um dos maiores do país e o responsável pela compilação do número de homossexuais assassinados no país.

Ainda que não-oficiais, as estatísticas produzidas são os únicos dados disponíveis no Brasil, garantindo com isso grande visibilidade. Acredito que analisar este “dossiê” de notícias de acordo com a entidade à qual ele pertence seja um trabalho interessante que possibilitaria pensar questões relativas não só à atuação do movimento homossexual brasileiro, como sua agenda e suas prioridades; mas também à própria natureza do dossiê e à possibilidade de

vieses na composição do conjunto das notícias. Mas isso não fará parte da dissertação de mestrado, tampouco deste trabalho.

Este texto versará sobre uma face das representações apreendida através dos jornais que diz respeito à questão da sexualidade dos seus envolvidos, minimizada algumas vezes pela relação diádica “atividade/passividade”. Além da vítima e suspeito(s), personagens centrais da narrativa da notícia, algumas pessoas são convidadas a fornecer informações que justifiquem a atribuição dos papéis sexuais aos “personagens principais”. Estas pessoas, que podem ser classificadas como “colaboradores” ou “coadjuvantes”, são em geral parentes de um dos envolvidos, amigos ou vizinhos da vítima (nos casos de crimes ocorridos em residência) e especialmente, porteiros.

A declaração destes sujeitos, criteriosamente selecionada pelos jornais, funciona como legitimador (ou norteador) das representações que ali são reproduzidas. Grosso modo, uma notícia que ressalta a imagem do homossexual promíscuo vem acompanhada da declaração do porteiro que assinala a grande rotatividade de visitas (ou mais especificamente, a “visita de rapazes”) no apartamento da vítima.

Este estudo buscará marcar que as representações sobre a sexualidade dos envolvidos não são monolíticas ou concisas; ao contrário, caracterizam-se pela pluralidade. A dominante heterossexualidade dos “colaboradores” da informação chama a atenção. No entanto, creio ser oportuno indicar que a fundamentação teórica do conceito de representação com o qual eu venho operando baseia-se no estudo de Émile Durkheim desenvolvido principalmente em *Representações Individuais e Representações Coletivas*.¹

Este conceito, em linhas gerais, assinala que representações sejam obras do coletivo, cujo caráter incide sobre o socialmente compartilhado, sobre aquilo que poderia ser denominado “saber-comum” (mas não o “saber popular”, se denotando diferenças de classe) e por isso possuem um certo grau de estabilidade na sociedade. Não são representações algo

momentâneo, incompreensível entre gerações, por exemplo. Citando Durkheim, representações são “estruturas simbólicas coletivas que operam abstratamente entre instâncias e pessoas”.²

A base do estudo das representações calca-se no pensamento Durkheimiano. No entanto, outro autor que mostra-se crucial na discussão sobre “representações sociais” é o pós-colonialista Homi Bhabha.³ Este autor trabalhou com a construção de estereótipos no contexto da colonização e segundo suas formulações, o estereótipo deve ser entendido como a principal estratégia discursiva do colonialismo; mantém-se atuante devido sua dupla função: precisa ser infinitamente repetido, já que nunca poderá ser provado. O estereótipo é um atributo dotado de fixidez, de maneira que circunscreve negros, mulheres, homossexuais a relações de poder, passíveis da ação de estereótipos.

As representações encontradas nas notícias de jornais conformam-se em formas de estereótipo. A sexualidade dos envolvidos muitas vezes é derivada de concepções impressionistas dos repórteres, editores e demais responsáveis por sua publicação. Percebe-se claramente a ausência de indícios que justifiquem a “passividade” ou “atividade” atribuída aos envolvidos em crimes letais.

Partindo agora para a análise dos casos, informo que nem todas as notícias apontam um sujeito como suspeito. Entretanto, outras notícias dão como “assassinos” ou “criminosos” pessoas que ainda não passaram por nenhuma etapa do processo de investigação. Esta diferença, que fere claramente princípios básicos de justiça, deve-se à posição de classe que as vítimas ocupavam, como revelaram os resultados da análise.

De um modo geral, os crimes noticiados são latrocínios (roubo seguido de morte) e homicídios cometidos contra homossexuais de diferentes faixas etárias, posições de classe, cor/raça e local de moradia. No entanto, é notável a semelhança do perfil das vítimas acometidas por crimes de mesma tipificação. As vítimas de latrocínio são geralmente classificadas pelos jornais como brancas, moradoras da região central ou zona sul carioca, bem empregadas e com idade em torno de 45 anos. Diferente é o perfil das vítimas de homicídios

(onde os crimes ocorreram em locais públicos e sem testemunhas): são descritas como pardas ou negras, moradoras da baixada fluminense ou da zona oeste carioca, as profissões mais ocorrentes variam entre cabeleireiro, maquiador e profissional do sexo, a idade é inferior a 30 anos. Acresce-se que o número de casos cujos dados da vítima são incompletos é consideravelmente superior nas notícias provenientes dos jornais *O Povo*, *Luta Democrática*, *Notícias Populares*.

Nos casos de assassinatos contra homossexuais de camadas populares (lembro que os jornais baseiam-se em elementos subjetivos na mensuração da classe social, como por exemplo cor/raça, local de moradia e características do mesmo) o relato varia entre uma narração brevemente pontual, onde são relatadas as condições gerais do crime ou uma narrativa “sensacionalista”⁴ em que o elemento “fora do lugar” é a vítima, sendo constantemente alvo de chacotas, além de ter seu corpo explorado através de fotografias. Às travestis, resta um papel ainda pior. Geralmente dispostas em locais de prostituição, ou “regiões morais”⁵, são assassinadas em logradouros públicos, e ainda assim, não há testemunhas de seu homicídio. Por não haver testemunhas e tampouco um suspeito que os jornais possam noticiar, a análise da sexualidade de “envolvidos” neste tipo de crime torna-se inviável. Algumas considerações a respeito das representações sobre travestis serão anunciadas adiante.

Os homossexuais cuja classe é dada como alta pelas notícias de jornais aparecem como vítimas de seu próprio desejo. O “desejo irrefreado” por pessoas do mesmo sexo fez com que eles abrissem as portas de sua casa para sujeitos de má índole, que acabaram por tirar-lhes a vida. Como disse, os suspeitos são evocados pelas alcunhas de “criminosos” e “assassinos” antes que fosse averiguada a procedência da suspeita. Os suspeitos são em geral rapazes mais moços, mais pretos e mais pobres que a vítima. Moram em locais distantes da prestigiada zona sul carioca, têm porte atlético e vestem-se com “roupas da moda”. Desta forma, os suspeitos que terão seu perfil analisado aqui têm uma importante especificidade, qual

seja, serem acusados de envolvimento em crimes de latrocínio contra homossexuais das classes mais altas da população.

As percepções sobre a sexualidade encontradas nas notícias podem ser interpretadas como bipolares, variando entre o pólo da “heterossexualidade” e “homossexualidade”. A categorização da vítima como homossexual, obedece critérios díspares. Pode ser que a vítima tenha sido um homossexual assumido como foi o caso de alguns famosos artistas, decoradores e estilistas assassinados no fim da década de 80, cabendo ao jornal reproduzir esta informação. Pode ser que a declaração da família sobre a homossexualidade do parente figure no corpo da notícia. Pode ser que o porteiro indique a tal “presença de rapazes” ou “festas de embalo” e o jornal noticie a morte de um “homossexual”. É ainda possível que nenhuma destas situações tenha ocorrido, mas o jornal deduza a homossexualidade devido às circunstâncias do crime ou a objetos encontrados na cena do crime.

A heterossexualidade dos suspeitos, por sua vez, é dada de antemão. Não há elementos que justifiquem esta afirmativa, nenhum argumento é apresentado. Algumas considerações podem contribuir para a compreensão das causas deste relativo esforço em nomear a fonte da informação sobre a orientação sexual da vítima e nenhum questionamento sobre a sexualidade do suspeito. A relação entre virilidade e violência, masculinidade e uso de armas de fogo/objetos cortantes, a (hetero)sexualização das classes populares podem ser apontadas como uma forma de representação que se espraia nas notícias, justificando que a sexualidade não-normativa e possivelmente “exótica” seja divulgada com espanto e necessitando de fontes que comprovem a veracidade da informação, ao passo que a heterossexualidade normativa não precisa de investigação, sua evocação é suficiente.

Se as notícias representam a heterossexualidade como norma e a homossexualidade como desvio, o emprego de termos qualificativos em relação à orientação sexual não se coloca de maneira diferente. Ao lado de concepções estigmatizantes da homossexualidade, vêm termos como “anomalia”, “safadeza”, “melancolia” e principalmente “tragédia”. A

homossexualidade em si, seja devido à solidão ou ao desfecho letal da busca de companhia (geralmente garotos de programa) é vista como uma tragédia inevitável. Desta maneira, indica-se que os crimes contra homossexuais dificilmente terão fim, pois ocorrem por descuido da vítima. Podemos ainda dizer que, no tocante à opinião sobre os assassinatos, as notícias indicam que não é algo que a polícia possa prevenir, uma vez que são as próprias vítimas que convidam “pessoas de má índole” às suas casas.

Como disse, alguns objetos encontrados no imóvel da vítima são utilizados na tentativa de comprovar sua homossexualidade. Bebidas alcoólicas, copos com vestígios de bebidas, aparelho de som ligado (ou disco na vitrola) indicam que houve “festa de orgia” no apartamento da vítima. Preservativos, lubrificantes, revistas e vídeos pornográficos, esculturas ou pinturas de modelos nus denunciam, conforme crê o jornal, um estilo de vida onde o sexo ocupa o espaço principal. As representações baseadas em objetos encontrados no imóvel da vítima ajudam a compor a imagem do homossexual adicto ao sexo que desafia perigos na busca de um parceiro.

Ainda que já tenhamos marcado que as vítimas são apresentadas como homossexuais em oposição a seus algozes, acrescento uma outra dimensão ou conseqüência desta nomeação: a relação de passividade ou atividade sexual. A passividade sexual funciona, muitas vezes, como sinônimo de homossexualidade, e não se restringe apenas ao campo da sexualidade. De fato, também se relaciona à passividade a sociabilidade da vítima, onde se agrupam características como a timidez, pacatez, avessia à brigas, tolerância. Por tudo isso as vítimas encontram-se volúveis à ação dos “heterossexuais” com os quais se envolvem – ativos, fortes, decididos, violentos.

Nota-se que todos os atributos femininos eleitos nas notícias são também referidos a mulheres. Neste sentido, faz-se marcante as observações de Misse ⁶ de que a passividade sexual das mulheres, extensível aos homossexuais, estigmatiza ambos os grupos. Apreensíveis no cotidiano, os estigmas são revelados por sutilezas do vocabulário: gírias, palavrões, adágios.

Um dos exemplos comentados pelo autor refere-se a expressão “coitado(a)”, que demarca a dupla nomeação de alguém infeliz ou desventurado, ao mesmo tempo em que, se tomada em seu sentido literal, indica a participação passiva em uma relação sexual (ou coito). Desta maneira, não só a passividade sexual é atributo relacionável aos homossexuais, mas toda a série de atributos cotidianamente nomeados femininos (a fragilidade, a doçura, a dependência, a impulsividade) é arrolada a supostos homossexuais.

Quanto às travestis, ainda que não integrem esta análise pelos motivos já explicitados, vale a pena mencionar que a relação com o feminino obedece critérios mais injuriosos. Se os homossexuais são comparáveis às mulheres devido sua suposta fraqueza, irracionalidade e passividade; as travestis - suponho que pelas intervenções que fazem em seus corpos e pelo uso de roupas e adereços típicos do sexo feminino - compõem ao ver da notícia uma espécie de imitação exótica e grotesca da “essência” do feminino.

No entanto, é preciso contextualizar que no Brasil a equiparação entre homossexualidade e feminilidade foi admitida por médicos de diferentes especialidades a partir da segunda metade do século XIX, permanecendo atuante até os anos 1950. Influenciados por teorias estrangeiras que postulavam a homossexualidade como uma anomalia onde os instintos sexuais encontravam-se incorretamente direcionados, os médicos brasileiros adaptaram as teorias científicas de médicos ingleses, alemães e norte-americanos ao saber popular da época.⁷ Como resultado, temos o salto entre as teorias estrangeiras que aceitavam que um desvio no direcionamento dos instintos sexuais acarretasse na homossexualidade, e o novo paradigma brasileiro de que homossexualidade traduzia-se em passividade e efeminação.

Viveiros de Castro, médico brasileiro que produziu seus trabalhos em meados do século XIX acreditava que os homossexuais sofriam de uma alteração psíquica chamada “efeminização”. Segundo ele, os homossexuais “Têm como as mulheres a paixão da toilette, dos enfeites, das cores vistosas, das rendas, dos perfumes. (...) Depilam-se cuidadosamente. (...) Passam rapidamente de um egoísmo feroz à sensibilidade que chora. Mentira, delação,

covardia, obliteração do senso moral é o seu apanágio. A carta anônima é a expressão mais exata de sua coragem. Não seguem as profissões que demandam qualidades viris, preferem ser alfaiates, modistas, lavadeiros, engomadores, cabeleireiros, floristas, etc”.⁸ Este autor, longe de ser um diletante ou médico periférico, compunha o saber médico da época, acompanhado por outros de grande prestígio como Leonídio Ribeiro, Hernani de Irajá e Pires de Almeida.

Por fim, acredito que estas formas de representação presentes nas notícias contribuam para sua permanência e renovação na sociedade funcionando como estereótipos ultrajantes que atingem, difamam e ferem todo um grupo de pessoas. A escassez de informações sobre os crimes contra travestis espelha uma situação muito mais séria do que a simples ausência de testemunhas: a desimportância destes casos perante a polícia, a justiça e a população.

¹ Durkheim, Emile. *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro e São Paulo, Forense, 1970.

² Idem

³ Bhabha, Homi. “A Outra Questão – o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo”. In.: *O Local da Cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001.

⁴ Entende-se aqui por “narrativa sensacionalista” um tipo mais ou menos padronizado onde as sensações do leitor (medo, angústia, alegria) são exploradas com a finalidade de fazê-lo sentir-se participante na história narrada. É também comum o apelo aos sentidos de cheiros, sons, gostos. As histórias sensacionalistas, supõem um “leitor que procura naquelas páginas a emoção, a sensação da verdade entremeada por um mundo de sonho” (Barbosa, 1996).

⁵ De acordo com a Sociologia Urbana, “região moral” compreende áreas centrais das grandes cidades, geralmente estigmatizadas, onde agregam-se populações ambulantes que promovem atividades ilegais ou próximas à ilegalidade. Cf. Perlongher, Néstor. *O Negócio do Michê – Prostituição viril em São Paulo*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

⁶ Misse, Michel. *O Estigma do Passivo Sexual*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1979.

⁷ Cf. Ford, Talisman. *Passion in the Eye of the Beholder: Sexuality as Seen by Brazilian Seen by Brazilian Sexologists, 1900-1940*. Vanderbilt, 1995. Apud: TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso - A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2000.

⁸ Viveiros de Castro, 1932, apud Trevisan, João Silvério. “Entra em cena o Homossexualismo”. In.: *Devassos no Paraíso - A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2000.